



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS NA COLEÇÃO\* SÃO FRANCISCO | ALCIR LACERDA

Aryanny Thays da Silva\*\*

O conjunto de imagens reunidas na Série São Francisco<sup>1</sup>, de autoria do fotógrafo Alcir Lacerda (1927), consta de cerca de 1.200 negativos, 120 mm, em preto-e-branco. O material diz respeito à documentação produzida em 2004 numa expedição ao Rio São Francisco patrocinada pela Chesf (Companhia Hidro Elétrica do São Francisco).

Atualmente a organização deste acervo envolve o acondicionamento e o levantamento de informações referentes à constituição da Série São Francisco | Alcir Lacerda. Assim, projeta-se a dimensão histórica que demarca o sentido dos usos dessa documentação fotográfica. Contudo, para a escrita deste artigo objetiva-se pensar o conjunto dessas imagens enquanto elemento autoral a serviço de um órgão público (a

---

\* Durante as discussões realizadas no "Simpósio Temático 23 – Narrativas fotográficas e os sentidos da História" (VI Simpósio Nacional de História Cultural | Teresina – PI), coordenado pelas professoras Dr<sup>a</sup>. Ana Mauad e Solange Lima, concluiu-se que a noção de "série" define mais adequadamente este conjunto de imagens, pois este está inserido em um acervo maior (coleção) que diz respeito a toda produção visual do fotógrafo Alcir Lacerda. De forma que onde se lê "Coleção", leia-se "Série". O título foi mantido respeitando o certificado de apresentação emitido no Simpósio, porém foram corrigidos todos os demais termos para a publicação do artigo.

\*\* Graduada em Licenciatura Plena História / Universidade de Pernambuco (UPE, 2011). É pesquisadora desde 2009 do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI-UFF).

<sup>1</sup> A série hoje se encontra sob a guarda de Albertina Lacerda Malta, filha do fotógrafo Alcir Lacerda.

Chesf), na mesma medida em que estas fotografias estão implicadas a conjuntura política que envolve o ato fotográfico.

A expedição ao São Francisco fazia parte do projeto *Opará dos Caetés: as cores do São Francisco em preto e branco*, com idealização dos fotógrafos Teresa Branco e Severino Silva. Alcir Lacerda foi convidado a integrar e chefiar a equipe durante um mês e meio que duraria a empreitada. O percurso ao longo do Rio São Francisco de 3,2 mil quilômetros foi percorrido em caminhonete, embarcações e helicóptero. De extenso alcance, o projeto realizou uma ampla documentação sobre o *Velho Chico*.

Segundo a fotógrafa Teresa Branco em entrevista concedida ao jornal *Diário de Pernambuco* na época da expedição as fotografias documentariam “a parte esplendorosa do rio”<sup>2</sup>, mas também seus problemas seriam expostos ainda que a intenção não fosse a denúncia. Tal projeto tinha diversos enfoques, como a documentação para uso turístico, jornalístico, artístico e ainda técnico já que o material fotografado seria utilizado para pesquisas da Chesf, dentre elas a possibilidade de revitalização do rio.

Outra questão importante é que essa documentação fotográfica também chegaria ao público através de uma exposição que seria organizada no ano posterior, prevista para março de 2005. Ainda segundo os fotógrafos o enfoque de seus olhares estaria dirigido para o homem: “registraremos como ele vive em função do rio”<sup>3</sup>, segundo a fala de Alcir Lacerda.

A partir dessa ideia podemos visualizar no presente a narrativa fotográfica tecida pelo conjunto de fotografias que deram corpo a Série São Francisco | Alcir Lacerda. O interesse principal nessa abordagem é perceber como estas fotografias autorais se estabelecem na contrapartida dos interesses daqueles que a encomendaram e na iminência da conjuntura política que envolve o registro fotográfico.

Para tal, configuram-se três caminhos. No primeiro instante se discutirá brevemente as relações de uso e poder entre a Chesf e o Rio São Francisco. Em seguida

---

<sup>2</sup> CAVANI, Júlio. “Imagens que revelam todo o esplendor do rio São Francisco.” **Diário de Pernambuco**, Recife, Viver, Caderno 6, set. 2004.

<sup>3</sup> Ibid.

analisar-se-á o material da série partindo de duas subséries fotográficas extensas pensadas no sentido de melhor fornecer compreensão ao objeto de estudo. Esta análise é seguida conjuntamente do olhar do fotógrafo-autor enquanto sujeito da prática fotográfica.

No último momento esboça-se a Série São Francisco no campo de estudos da visualidade. Concebe-se a narrativa fotográfica como forma de inscrição das experiências contemporâneas, através de uma prática social e seus espaços de sociabilidade.

### **A CHESF E O RIO SÃO FRANCISCO – DAS ÁGUAS DO *VELHO CHICO* À GERAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA**

Desde que foi “descoberto” pelos navegadores europeus em 1501, o Rio São Francisco tem servido a diversos usos e funções daqueles que tem o seu ‘controle’ ou vivem na proximidade de suas águas. Seja a pesca, a pecuária extensiva e mesmo a agricultura, ainda hoje presentes na utilização dos recursos hídricos desse rio.

As pesquisas sobre o potencial natural da Bacia Hidrográfica do São Francisco tiveram início no Brasil Império, com continuidade ainda hoje, e representam um imenso aparato de informações técnicas e científicas a respeito dos seus recursos naturais.

Desse modo, visando aproveitar o potencial energético da Bacia do São Francisco para a geração de energia elétrica na Região Nordeste foi criada em 1945, no governo Vargas, a Companhia Hidroelétrica do São Francisco, a Chesf. Os Estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba passaram a ser beneficiários da Companhia e diversas usinas foram construídas ao longo das décadas para suprir a necessidade de produção de energia para o Nordeste.

Esse retrospecto é importante devido ao fato que o Rio São Francisco, ainda em 1999, era responsável por cerca de 90% do potencial elétrico inventariado no Nordeste<sup>4</sup>. O que significa dizer que a vazão mínima deste rio está há tempo

---

<sup>4</sup> SUASSUNA, João. Transposição do Rio São Francisco na perspectiva do Brasil real (1995-2012), p.33. Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em:

comprometida com a geração de eletricidade numa dimensão de crescente consumo de energia elétrica. Acrescido a isso o uso dos recursos hídricos para a irrigação. O que notoriamente já causa conflitos no manejo das águas do rio.

Porém, o que veio a somar detidamente a esta problemática foi a questão da transposição do São Francisco. Embora esta seja uma discussão já antiga no campo político, onde a transposição é encarada principalmente como resolução dos problemas sociais e hídricos no *polígono da seca*, essa ideia predominou de forma marcante nos projetos de governo das duas últimas décadas. Contudo, não sendo objetivo desse artigo discutir profundamente os interesses e conflitos<sup>5</sup> que caracterizam a já iniciada transposição do São Francisco, o que nos importa é perceber nessa conjuntura dos acontecimentos o papel exercido pela Chesf como principal dependente do rio São Francisco.

O caráter polissêmico da documentação fotográfica aqui analisada não deve perder de vista a atividade social que produziu os eventos registrados pelo olhar do fotógrafo. Nesse caso, a Série São Francisco pertence a um conjunto maior de ações, o que incluem outros documentos, a exemplo dos textuais. Mas, principalmente, dimensiona a dinâmica histórica que a caracteriza como produto de determinada sociedade. Assim, a compreensão da atuação desse órgão público frente aos conflitos no *Velho Chico* serve para contextualizar a expedição fotográfica e o material por esta produzido.

Deste modo, uma das propostas de governo para realização da transposição era a privatização da Chesf, ideia imensamente discutível se pensada na fundamental importância deste único rio para o sistema gerador de energia do Nordeste brasileiro e também na forma que o governo se propõe a resolver questões de amplo alcance social como esta.

---

<<http://www.remaatlantico.org/Members/suassuna/projetos/artigos-sobre-a-transposicao-do-rio-sao-francisco>>. Acesso em: 26 de abr. de 2012.

<sup>5</sup> Ver artigo A transposição das águas do Rio São Francisco: interesses e conflitos. SILVA, Ana Carolina Aguerri Borges da. XI Congresso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador/2011. Disponível em: <[http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308357455\\_ARQUIVO\\_artigoconlab.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308357455_ARQUIVO_artigoconlab.pdf)>. Acesso em: 26 de abr. de 2012.

Nesse sentido, a Chesf desenvolve ações, marcadamente desde os anos de 1990, vinculadas principalmente a pesquisas e elaboração de material científico que venham a corroborar a favor de seu posicionamento sobre as águas do São Francisco, reforçando a ideia de ser a “mais antiga usuária da bacia” e seu papel aglutinador em qualquer processo que envolva o rio<sup>6</sup>. É dessa forma que este órgão tenta se impor em 2001, quando se discute sua possível privatização e também um programa de revitalização e conservação do São Francisco (na época a ideia da transposição havia sido deixada de lado pelos altos custos do projeto).

Entretanto, a ideia de transpor o rio sempre retorna ao centro das discussões políticas nos governos que se sucedem. No que diz respeito a isso, a Chesf apresenta argumentos variados ao longo dos anos, ora de negativa e de impossibilidade de se efetuar a transposição devido às limitações do São Francisco. Ora de adesão ao projeto, afirmando a ideia que a água retirada não afetará a produção de energia. Essa última visão predominou basicamente nas pesquisas produzidas no início da Era Lula. Controvérsias como essas marcam intensamente as relações de uso e poder do Rio São Francisco nas ações da Chesf.

## **NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS – A SÉRIE SÃO FRANCISCO**

Nesse contexto de atuação da Chesf é que surge o patrocínio à expedição fotográfica ao São Francisco e que posteriormente se constitui a Série São Francisco, com a organização do acervo de imagens produzidas por Alcir Lacerda. Com fins de documentação do rio e do homem que dele retira a sobrevivência, o conjunto de fotografias também registra elementos técnicos para pesquisas científicas. Porém, ultrapassam esses elementos ao fornecer compreensão às experiências históricas.

O corpus fotográfico da série foi dividido em duas subséries extensas para efeito de análise. A primeira subsérie denominada *O Rio em preto e branco* traz em suas imagens o São Francisco documentado em diversos ângulos e aspectos. O Rio

---

<sup>6</sup> ANDRADE, Renata Marson Teixeira de. Da transposição das águas do Rio São Francisco à revitalização da bacia: as várias visões de um rio, p.24 Disponível em: <<http://www.saofranciscovivo.com.br/files/Renata%20Andrade%20Da%20Transposicao%20a%20Revitalizacao.pdf>>. Acesso em:30 de abr. de 2012.

visualizado nas fotografias é esplendoroso, banhado pelo sol, entrelaçado pelas cidades ao longo de sua trajetória. Mas é também o rio que alimenta e serve a variados usos.

Nesse sentido, surge a segunda subsérie *As margens do São Francisco: os ribeirinhos e a sobrevivência*. Muitos são os sujeitos que vivem do rio: o vaqueiro, o agricultor, o funcionário da indústria de frutas e tantos outros que recolhem do *Velho Chico* meios de sustentar a vida. Nessas fotografias há muita beleza e profundidade. O homem que tem sua existência ligada ao rio, com ele se identifica: “para algumas populações que vivem do rio, a união entre natureza e homem sempre existiu, pois o rio é o marco da história desta gente, contada em suas margens, em seu leite, em suas águas, e nos seres que vivem dentro delas.”<sup>7</sup>

O percurso escolhido para pensar esse conjunto de imagens registradas pelas lentes de Alcir Lacerda indaga: qual “o argumento da foto que faz a história”?

*O Rio em preto e branco* revela um apanhado de imagens tecnicamente apuradas. Reconhece-se o olhar do fotógrafo que desafiado pela construção de uma fotografia documental não deixa de produzir um material visualmente artístico. O preto e branco em película que marca toda a produção fotográfica é fruto da escolha do fotógrafo em particular, dado a sua preferência incorporada ao longo dos anos como profissional. Interessante mencionar que em 2004 a fotografia digital já integrava o trabalho dos fotógrafos nas mais diversas áreas de atuação e a opção pelo filme em preto e branco define um lugar de pertencimento social ao sujeito no tempo.

Esse fato também concorre para o processo de significação da imagem. Pois, traz profundidade para os objetos fotografados e remete ao aspecto documental, que embora não faça referência à denúncia social, projeta plasticamente o São Francisco na esfera dos acontecimentos e da reflexão na sociedade.

O espaço geográfico que envolve essa subsérie traz na sua composição o rio em contato com a natureza e ambos transformados pelas vivências do homem. A vegetação fragmentada de florestas, vegetações litorâneas, manguezais, entre outras, além de uma série de cidades estabelecidas ao longo do Rio São Francisco surgem nas fotografias e inscrevem nelas marcas das ações dos homens no tempo. Cidades

---

<sup>7</sup> Id., p. 25.

construídas as margens do rio, como Piranhas-AL e Xique-Xique-BA, e dependentes do uso de suas águas fazem parte das escolhas dos lugares fotografados.

Nesse ponto, coloca-se a questão do olhar do fotógrafo e sua relação com a proposta institucional da Chesf. Para este órgão o interesse científico de pesquisa e documentação é extremamente importante e justifica seu patrocínio a viagem dos fotógrafos. Como responsável pelo consumo majoritário das águas do rio com um fornecimento de energia que corresponde a 15% do território nacional<sup>8</sup>, a Chesf objetiva-se não apenas a pensar formas de melhor utilizar os recursos hídricos, mas também de defender sua posição frente aos possíveis e diversos interesses públicos nos níveis federais, estaduais e até municipais.

Desse modo, *O Rio em preto e branco* projetado visualmente por Alcir Lacerda tenciona o olhar para as motivações da instituição agenciadora. O São Francisco que se estabelece como rio fundamental para a produção de energia é documentado em todo seu trajeto e não perde o enfoque em seu entorno. Como exemplo, as fotografias realizadas em Xingó, a 12 km da cidade de Piranhas-AL, onde está localizada uma usina hidroelétrica e se desenvolvem projetos de irrigação e também o abastecimento do município de Canindé do São Francisco.

No entanto, o olhar de Alcir Lacerda na composição desse corpus fotográfico vai além dessa relação de resposta aos interesses propostos. É possível visualizar que se estabelece uma negociação que na produção de tais imagens se ligam primeiramente ao dispositivo e conhecimento técnico do fotógrafo. Consideram-se excelentes enquadramentos e nitidez nas fotografias apresentadas e faz-se menção ao fotógrafo como sujeito inserido numa prática social com uma longa experiência profissional. A fotografia é fruto do trabalho humano, produtora de sentidos, portanto deve ser compreendida “como uma escolha efetuada em um conjunto de escolhas possíveis”<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> VAINSENER, Semira Adler. *Chesf (Companhia Hidroelétrica do São Francisco)*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 01 de mai. de 2012.

<sup>9</sup> MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes: Ensaio sobre História e Fotografia**. Niterói: Editora da UFF, 2008, p.43.

Assim, o valor e as narrativas visuais são também outros quando pensados pela ótica da autoria fotográfica. A natureza dessa produção, que é histórica, destacada por Alcir Lacerda conforma um olhar sobre o *Velho Chico* onde a paisagem é o resultado de uma atividade social criativa. De caráter documental, porém não abandonando o valor artístico da prática dos sujeitos históricos.

A Série São Francisco é fragmentada no domínio da visualidade pela dimensão de sua produção e apreensão. Do mesmo modo é o rio: fragmentado pelos diversos usos e interesses sobre suas águas.

Nas fotografias da subsérie *As margens do São Francisco: os ribeirinhos e a sobrevivência*, os sujeitos fotografados são em grande parte enquadrados em relação com um saber fazer específico que revela o modo de sobrevivência dessas pessoas. Em algumas imagens o homem ribeirinho é retratado sem os elementos de seu trabalho e outras vezes são vistos na movimentação de transeuntes pelas cidades. Os sujeitos parecem então confundir-se e terem suas individualidades atravessadas. Noutras fotografias vemos plantações de frutas, em vistas aéreas ou em primeiro plano. A criação de animais, como bodes, também foi destacada nos registros.

A paisagem que atravessa essas imagens varia conforme a natureza da vegetação em que vive o ribeirinho. Na caatinga surge o vaqueiro, entre folhagens secas e condições inóspitas. Nas várzeas alagadas ao longo do rio encontram-se os pescadores com práticas artesanais de pesca que atravessam décadas. A agricultura e a pecuária, desde as margens do médio São Francisco, também caracterizam os registros fotográficos.

No contexto geral, o espaço de figuração dessas imagens se constrói em relação direta com o rio. Refletindo a ideia proposta originalmente pelos fotógrafos de retratar como os ribeirinhos convivem com o *Velho Chico*.

De tal modo que as vivências que envolvem a composição da subsérie estão pautadas na conjuntura social que funda o acontecimento. Pois a questão da comunidade ribeirinha é tão proeminente quanto os conflitos de esgotamento hídrico desse rio. A documentação fotográfica desse conjunto de pessoas junto as suas atividades de subsistência reuniu informações que permitem pensar as condições de existência do São Francisco e sua importância para os ribeirinhos.



Para a Chesf, que desde a década de 1990 financiava junto a outras instituições o Instituto Xingó, localizado na cidade de Piranhas-AL, com o objetivo de desenvolver uma política de sustentabilidade para 29 municípios da região do semiárido em quatro estados do Nordeste (PE, AL, SE e BA), estudos que evidenciassem a qualidade da aplicação de seus investimentos em projetos sociais para a população ribeirinha eram relevantes para os seus interesses.

Contudo, acredita-se que além dessas possíveis motivações, a Chesf cultivava também a responsabilidade de cunho político-social na Bacia do São Francisco. A produção de energia elétrica para grande parte do Nordeste esteve vinculada a construção de diversas usinas hidroelétricas e reservatórios de água. Em seis décadas foram responsáveis pelo desaparecimento de cidades, transferência de comunidades para novas localidades, construções de novos centros urbanos e danos à biodiversidade do *Velho Chico*.

Essas questões introduzem ações diretas da Companhia Hidroelétrica do São Francisco na tentativa de reparar e acomodar as perdas e limitações para os ribeirinhos que vivem no e do rio. Esses últimos sempre constam em relatórios técnicos apresentados e são mencionados em programas de políticas públicas de desenvolvimento e conservação do rio. A forma de participação dessas comunidades é um tema ainda hoje em debate.

No campo da produção visual da subsérie fotográfica, o ribeirinho retratado apresenta às lentes do fotógrafo as vivências do seu trabalho, da sua atividade cotidiana, no rio e na dependência deste. Alcir Lacerda constrói uma narrativa fragmentada, porque assim também é o São Francisco: tecido em retalhos. O cotidiano do homem do *Velho Chico* que as fotografias apontam não é somente aquele que gera informação e que serve de base para pesquisas e eventuais intervenções políticas.

O que vemos, sobretudo nessas imagens é o diálogo do ribeirinho com o rio. É neste encontro que as experiências sociais ganham significado. O São Francisco é o espaço das vivências, os ribeirinhos os sujeitos históricos. O olhar sobre essas fotografias confunde os sentidos: a propósito da marca indelével do passado, o homem e o rio parecem ser um só.

## **A VISUALIDADE E A PRODUÇÃO DOS SENTIDOS DA HISTÓRIA**

A Série São Francisco | Alcir Lacerda ocupa um lugar nos estudos sobre a visualidade ao aproximar a experiência visual da sociedade. Para tal o circuito social de produção, recepção e agenciamento das fotografias devem ser pensados nesse processo. Os modos de ver e conhecer da sociedade contemporânea envolve o artefato fotográfico em diversas experiências demarcadas pelo olhar.

Nesse sentido, as imagens aqui analisadas trilham um caminho dentre muitas possibilidades. A escolha em pensar a Série pelo viés de uma produção autoral no contexto de um agenciamento específico destaca os sujeitos sociais para a História, os espaços de sociabilidade e interrogam sobre os sentidos dessas imagens para a construção de um conhecimento histórico.

O olhar conduz a experiências históricas balizadas pela prática fotográfica contemporânea. Compreendem-se as fotografias do São Francisco como suporte de relações sociais que produzem a História. Como tal, no contexto de interesses políticos e simultaneamente da necessidade de preservação e legitimação por parte da Chesf, examina-se o lugar da documentação fotográfica de Alcir Lacerda para a produção social.

Esse registro visual define o olhar do fotógrafo como construção cultural da sociedade do seu próprio tempo. É no âmbito de ações de caráter controverso, de posicionamentos institucionais ora conscientes, ora destituídos dos apelos socioambientais que se insere a Série do São Francisco.

O embate por todas as questões mencionadas nesse artigo coloca esse conjunto de imagens no cerne das discussões políticas sobre o Velho Chico. Indagar-se a cerca dessas fotografias traz questões sobre o homem e o rio. Relaciona a memória da população ribeirinha com raízes históricas violentadas no correr das décadas pela interferência humana. Destaca por outro lado os mecanismos de sobrevivência dessa gente e sua luta pelo rio, que é a luta pela vida. Relaciona também o papel de uma instituição pública na utilização dos recursos hídricos de um rio onde ao mesmo tempo preserva e faz desaparecer a relação do homem com sua cultura e seu ambiente.

O lugar dessa narrativa fotográfica para a História problematiza questões políticas, sociais, de preservação e memória que atravessam a fotografia pelas vivências dos homens no São Francisco. Por fim, a experiência histórica elaborada por tais fotografias é relevante para a coletividade, a Série São Francisco lega um apanhado de reflexões ainda em trânsito.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, Renata Marson Teixeira de. **Um povo esquecido: projetos apagam a biodiversidade e o território tradicional no Rio São Francisco**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/2005/02/13.shtml>>. Acesso em: 27 de abr. de 2012.

ANDRADE, Renata Marson Teixeira de. **Da transposição das águas do Rio São Francisco à revitalização da bacia: as várias visões de um rio**. Disponível em: <<http://www.saofranciscovivo.com.br/files/Renata%20Andrade%20Da%20Transposicao%20a%20Revitalizacao.pdf>>. Acesso em: 30 de abr. de 2012.

CAVANI, Júlio. “Imagens que revelam todo o esplendor do rio São Francisco.” **Diário de Pernambuco**, Recife, Viver, Caderno 6, set. 2004.

LIMA, Solange Ferraz de. **A pesquisa com fotografia no Museu Paulista: construção de banco de imagens e coleções de retratos**. Disponível em: <<http://doiscliques2008.blogspot.com.br/2009/02/pesquisa-com-fotografia-no-museu.html>>. Acesso em: 10 de mai. de 2012.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes: Ensaios sobre História e Fotografia**. Niterói: Editora da UFF, 2008.

SILVA, Ana Carolina Aguerri Borges da. **A transposição das águas do Rio São Francisco: interesses e conflitos**. XI Congresso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador/2011. Disponível em: <[http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308357455\\_ARQUIVO\\_artigoconlab.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308357455_ARQUIVO_artigoconlab.pdf)>. Acesso em: 26 de abr. de 2012.

VAINSENER, Semira Adler. *Chesf (Companhia Hidroelétrica do São Francisco)*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 01 de mai. de 2012.

SUASSUNA, João. **Transposição do Rio São Francisco na perspectiva do Brasil real (1995-2012)**. Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em:

VI Simpósio Nacional de História Cultural  
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Teresina-PI  
ISBN: 978-85-98711-10-2

<<http://www.remaatlantico.org/Members/suassuna/projetos/artigos-sobre-a-transposicao-do-rio-sao-francisco>>. Acesso em: 26 de abr. de 2012.

Encontro Internacional sobre transferência de águas entre grandes bacias hidrográficas. Workshop sobre a transposição de águas do Rio São Francisco. Workshop sobre a transposição de águas do Rio São Francisco. Relatório de discussões. **SBPC/CEPEN**, 2004. Disponível em: <[www.sbpce.org/docs/SBPC\\_Transposicao\\_Final.doc](http://www.sbpce.org/docs/SBPC_Transposicao_Final.doc)>. Acesso em: 23 de abr. de 2012.

**CHESF.** Site Oficial. Disponível em: <[http://www.chesf.gov.br/portal/page/chesf\\_portal/paginas/inicio](http://www.chesf.gov.br/portal/page/chesf_portal/paginas/inicio)>. Acesso em: 23 de abr. de 2012.